

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

MINGÓIA, Quintino. *Quintino Mingoia (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 17p.

**QUINTINO MINGOIA**  
**(depoimento, 1977)**

## *Ficha Técnica*

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Nadja Vólia Xavier; Ricardo Guedes Pinto

levantamento de dados: Equipe

pesquisa e elaboração do roteiro: Equipe

sumário: Equipe

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: São Paulo - SP - Brasil

data: 13/05/1977

duração: 1h 30min

fitas cassete: 01

páginas: 17

Entrevista realizada no contexto do projeto "História da ciência no Brasil", desenvolvido entre 1975 e 1978 e coordenado por Simon Schwartzman. O projeto resultou em 77 entrevistas com cientistas brasileiros de várias gerações, sobre sua vida profissional, a natureza da atividade científica, o ambiente científico e cultural no país e a importância e as dificuldades do trabalho científico no Brasil e no mundo. Informações sobre as entrevistas foram publicadas no catálogo "História da ciência no Brasil: acervo de depoimentos / CPDOC." Apresentação de Simon Schwartzman (Rio de Janeiro, Finep, 1984). A escolha do entrevistado justificou-se, entre outros, por ter sido diretor químico do Laboratório paulista de Biologia e consultor científico do Instituto Biológico de São Paulo.

temas: Ensino Superior, Farmácia, Formação Profissional, História da Ciência, Instituições Científicas, Itália, Metodologia de Pesquisa, Pensamento Político, Pesquisa Científica e Tecnológica, Política Salarial, Quintino Mingoia, Química, Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Sistema Educacional, Universidade de São Paulo

## *Sumário*

A carreira docente na Universidade de Pávia; a vinda para o Brasil em 1934 como diretor químico do Laboratório Paulista de Biologia; a produção científica desse laboratório: a preparação de sulfas e anfetaminas; a participação no esforço de guerra brasileiro; a colaboração prestada ao Instituto Biológico e a vários laboratórios farmacêuticos do país; a nomeação para catedrático de química orgânica da Faculdade de Farmácia e Odontologia da USP; os discípulos; os títulos honoríficos; os salários dos docentes nas universidades brasileiras e italianas; a colaboração com Maurício da Rocha e Silva; as linhas de pesquisa e os trabalhos publicados; a volta à Itália em 1969 e o contato mantido com o Brasil; a química no Rio de Janeiro e em São Paulo; o posicionamento político-social do entrevistado; o sistema universitário italiano; a experiência como editor da revista *Il Fármaco* e como redator da *Crônica Farmacêutica*; a modernização do ensino de química farmacêutica.

## Entrevista com o Professor Quintino Mingoia

São Paulo, 13/05/77

Q.M. – Como início desta conversa amigável com Dona Nadja, que tive o prazer de conhecer nesta ocasião, faço um pequeno relato do que foi a minha vida; em particular a profissional, que justamente este ano atinge os 54 anos. Ainda mais 50 anos de livre-docência.

Nasci na Sicília, em novembro de 1902. Formei-me na Universidade de Pavia com 20 e poucos anos (julho de 1923), com tese de doutoramento em Química Orgânica. Iniciei pouco depois a carreira universitária, sendo primeiro assistente, depois adjunto, e prestando concurso de livre-docência em Química Farmacêutica, em dezembro de 1927. É justamente por isso que digo que este ano, se chegar até lá, vou fazer as bodas de ouro de professor.

Logo depois comecei a ensinar em Pavia, mas havia duas dificuldades: uma que eu não estava inscrito no Partido Fascista e outra que o meu professor não se dava bem, aliás, era quase odiado por aquele que era considerado o chefe da Química italiana. Chefe no sentido a que chamam na Itália de *Barone*. Esta é a mentalidade depreciável da baronia, segundo a qual um professor deve mandar para frente os seus assistentes e hostilizar os de outros professores. Especialmente quando as relações com estes outros professores não são boas. Infelizmente, aquele considerado o barão nº 1 da Química, naquela época, tinha brigado com o meu professor. Assim, embora tivesse sido uma exceção o fato de ser Doutor aos 20 e poucos anos e Livre – Docente aos 25, sem a inscrição no Partido Fascista, por causa deste *barone* tive obstaculada minha carreira universitária.

N.X. – E o nome dele, qual era?

Q.M. – Professor Parravano. Nicola Parravano, que me fez saber que, enquanto ele fosse vivo, nenhum dos discípulos do meu professor iria conseguir a cátedra definitiva. Este era o primeiro motivo.

Segundo motivo: esta minha relutância à inscrição no Partido Fascista. As coisas foram apertando até o ponto em que nós devíamos ir às congregações da camisa preta. Neste caso, só havia um remédio: emigrar. E foi o que eu procurei fazer.

Emigrar como, para onde? Felizmente, na própria Faculdade, havia um professor Bertarelli, que me queria muito bem. Ele preocupou-se em *sistamar-me* fora da Itália. Tinha uns negócios no México e no Brasil. Portanto, a primeira oportunidade foi ir para o México. Recusei, porque naquela época no México havia uma revolução cada 15 dias. Eu já estava casado e com minha sogra que era viúva e morava comigo. Por causa disso, ir para o estrangeiro com duas mulheres, pela primeira vez, assim não!

A segunda oportunidade foi o Brasil. O Laboratório Paulista de Biologia, que naquela época, era o único laboratório particular de reconhecida utilidade pública. Trabalhavam, um pouco, como trabalhavam os laboratórios farmacêuticos daquela época. Eu queria fazer uma coisa bem feita e bem organizada, uma seção de Química etc. Aceitei por um período de seis meses, para ver. Infelizmente, naquela época, quando a gente falava no Brasil, só falava em cobras, lepra e outras doenças parasitárias.

Logo me entusiasmei, porque vi que havia algo a fazer. Ainda mais tendo tido sempre uma simpatia particular pela Quimioterapia. Vendo o material abundante que aqui existia de doenças parasitárias, pensei logo que aqui poderia ampliar um pouco, também, o meu campo de pesquisas. De fato, assim foi. Desde aquela época tive a idéia não só de estudar estas doenças, ver e sintetizar produtos, mas, também, começar a preparar, aqui, produtos que eram importados do estrangeiro. Isto é, a mesma mentalidade que hoje está vigorando.

Um exemplo prático: poucos meses depois que eu estava aqui, apareceu uma epidemia de malária e o Laboratório Paulista de Biologia, naquela época, tinha um produto chamado Paludan, à base de bi cloridrato de quinina. Bi cloridrato de quinina não havia mais. Havia só sulfato básico, por via oral, enquanto que

bi cloridrato era injetável. Moral: disse, vamos preparar isto. E assim fizemos. Evidentemente outros não sabiam como fazer, mas eu sabia. Conseguimos, então, enfrentar, com as quantidades necessárias de medicamentos, esta epidemia de malária, em 35, justamente pondo em ação este meu conceito. Depois surge, contemporaneamente, a quimioterapia antibacteriana, com as sulfas. Tenho orgulho de que o Laboratório Paulista de Biologia – isto foi em 37 – foi o primeiro na América do Sul a preparar sulfas. Isto todo mundo sabe. E está também escrito nos livros. E continuei sempre esta trilha, especialmente de quimioterapia antibacteriana.

N.X. – Professor, como o senhor teve a luz de desenvolver este tipo de pesquisa? Isto seria um tipo de pesquisa aplicada.

Q.M. – Exato. Procurando, por analogia e por relações entre estrutura e atividade, sintetizar novos produtos que pudessem ser ativos, mais ativos, com um campo de ação ainda mais vasto. Para citar, por exemplo, infecções bacterianas. De acordo. Porém, ao lado das infecções bacterianas que aqui efetivamente existem, como em toda parte, havia aquelas dos bacilos ácidos resistentes, representantes pela tuberculose e pela lepra.

As primeiras sulfonas foram preparadas, aqui, por mim. Eu tenho guardada, com carinho uma cartinha que me escreveu da África, com sua letra, o Premio Nobel Schweitzer.

Sabendo que nós estávamos fazendo sulfonas aqui, quando começaram a prepará-las industrialmente no Butantã – naquela época era Diretor provisório o professor Otto Bier, bem conhecido – ele me disse: “Se nós temos que preparar isto, você deve me dar um dos seus assistentes para ir ao Butantã e fazer isto”. Portanto, fui feliz em ceder o meu assistente para essa finalidade.

Paralelamente, outros medicamentos. Por exemplo, quando apareceu a Anfetamina, hoje tão tristemente conhecida como “Droga”... naquela época era, realmente, uma novidade interessante, como vasoconstritor para uso otorrino. E me pediram para prepará-la aqui, porque havia dificuldades na

importação do estrangeiro. Pois bem, eu consegui um processo de obtenção simplificado, que foi patenteado e que está indicado em todos os tratados de Química Farmacêutica.

Devo dizer, modéstia à parte, que uma contribuição notável para a parte da indústria farmacêutica, eu dei durante os anos de guerra. Eu colaborei com o Ministério da Guerra, na repartição de saúde, tanto assim que eu fui talvez um dos pouquíssimos estrangeiros condecorados com a Medalha de Esforço de Guerra brasileira. Colaborei, portanto, neste sentido.

N.F. – O senhor colaborou conscientemente com o Brasil no esforço de guerra? Porque, se o Brasil estava em guerra com a Itália...

Q.M. – De acordo. Eu disse: “Colaboro, porém no campo da saúde”. Em outros campos eu não teria colaborado. Mas, se tratava de substâncias, que serviam para a quimioprofilaxia da malária. Preparamos um produto que, de fato, foi usado pelas tropas, mas servia também para a gente. Portanto, a minha colaboração foi exclusivamente no campo sanitário. Esta foi a condição *sine qua non* e que, embora depois o Brasil estivesse em guerra com a Itália, me deixou de consciência tranqüila.

N.X. – Inclusive o problema do regime italiano a que eu quis me referir.

Q.M. – Eu era marcado como antifascista aqui.

N.X. – Aqui mesmo?

Q.M. – É claro.

N.X. – Depois houve problemas com outros profissionais, não houve?

Q.M. – Sim. Mas com as dificuldades de importação, vários laboratórios se encontravam em maus lençóis, porque não podiam mais preparar suas especialidades. Então, eu me tornei, durante os anos de guerra, o consultor

gratuito dos vários laboratórios farmacêuticos. Aliás, fui um pouco criticado porque sabiam que vivia do meu ordenado e, nunca fui rico. Podia, naquela época, realmente, enriquecer.

Para mim, o dinheiro foi sempre parte secundária. Eu, realmente, naquele tempo, ajudei muita gente e devo dizer que todos ficaram gratos.

Durante a guerra, eu não podia ser chamado para a Faculdade. Logo que cessaram as restrições para os italianos, fui chamado para a Cátedra de Química Orgânica.

N.X. – Por esse motivo o senhor não foi chamado anteriormente para a Faculdade?

Q.M. – Quando cheguei aqui, ainda era vivo o professor de Química Orgânica. Então colaborei e fui chamado pelo professor Rocha Lima ao Instituto Biológico. Aliás, houve uma época em que saímos juntos em todos os jornais. Foi quando houve uma invasão de gafanhotos. Não havia inseticidas específicos e eu, utilizando o intermediário de um corante que era preparado aqui, encontrei um meio. E nós debelamos os gafanhotos, naquela época, mediante este produto, que foi chamado IB-46. O professor Rocha Lima queria que fossem dadas as minhas iniciais, e eu disse que não, que aquele era um trabalho bem feito, estava satisfeito. Portanto IB: Instituto Biológico; 46 porque foi em 1946. Isso eu dizia, mostrando, mais uma vez minha mentalidade neste campo.

Quando tomei a Cátedra de Química Orgânica, vi que o laboratório não tinha nada. Eram dadas aulas com um espaço limitado. Por exemplo, havia somente uma hora de aula teórica e uma de prática; quando fui reclamar que em lugar de duas horas eu queria quatro, me disseram: “Mas ninguém, até agora, pediu isso”. Mas era preciso. O laboratório estava desprovido de todo material. Pois bem, os laboratórios farmacêuticos a que eu tinha auxiliado, sem o meu pedido, reuniram-se e me deram uma importância tal que me foi possível comprar todo material para os alunos. Esta foi a recompensa que recebi, e os alunos começaram a trabalhar.



N.X. – Professor, estes laboratórios eram brasileiros, ou eram de indústrias estrangeiras?

Q.M. – Eram brasileiros também, italianos...

N.X. – O senhor lembra ainda os nomes de alguns?

Q.M. – Os que existam naquela época, eu falo 44, 45, por exemplo, os italianos: Carlo Erba, o Instituto De Angeli etc. E depois vários brasileiros, como o Instituto Pinheiros, que já existia naquela época, mas, especialmente, laboratórios de São Paulo.

Comecei a parte industrial sempre no Laboratório Paulista de Biologia cuidando de criar, porque havia a necessidade, uma escola de jovens químicos-farmacêuticos, que não existia. Tive a felicidade de levar à Cátedra três dos meus discípulos brasileiros. Um goiano, outro mineiro e outro paranaense.

N.X. – E os nomes deles, professor?

Q.M. – Paulo Carvalho Ferreira, infelizmente falecido no ano retrasado com 54 anos; Aluísio Pimenta, que foi até Reitor da Universidade de Belo Horizonte e Mauro Pereira de Almeida, de Curitiba. Vários outros, pois o Laboratório Paulista de Biologia teve isto de bom, deixar portas abertas para aqueles que queriam trabalhar comigo e preparar suas teses, mesmo teses no campo da Farmacologia etc. Era uma espécie de *dépendance* da Faculdade, com uma diferença, eu podia gastar muito mais do que na Faculdade, onde tinha recursos limitados.

Naquela época, um estrangeiro era contratado por três anos. O contrato poderia ser renovado unicamente uma vez, depois precisava prestar concurso, mas para prestar concurso precisava naturalizar-se. Eu não quis, e digo que a nacionalidade não é um terno ou uma camisa que se troca. O Importante é trabalhar para aquele país. E tive o exemplo de outra pessoa que fez como eu fiz e que era muito meu amigo, o professor Afonso Bovero, que criou a Escola

de Anatomia. Também ele, até o fim, ficou italiano, embora tenha feito aquela Escola que todo mundo conhece. E agora eu tenho a felicidade de ver a Avenida Afonso Bovero.

Portanto eu devia, praticamente, deixar. Ninguém quis saber disso. Apesar de ter permanecido italiano, sistematicamente, toda vez que acabava o prazo, o contrato era renovado.

Mais do que isso, contemporaneamente recebi vários títulos honoríficos, que são: Professor Honoris causa, em Montevideu, onde, durante três anos seguidos, pelo período de dois meses, realizei cursos de síntese de medicamentos orgânicos. Períodos em que recebi só o reembolso das despesas. Outro: Professor Honoris causa da Universidade de Pernambuco. Quando me deram este título, o Reitor quis frisar como eu, sacrificando minhas férias de julho, com um ritmo que ia das oito da manhã às 10 horas da noite, recusava qualquer remuneração, a não ser a passagem e a despesa do hotel. Terceiro: Salvador, também Honoris causa. E finalmente São Paulo, onde não existe o título de Professor Honoris causa, é Doutor Honoris causa. Eis por que, dos outros três títulos de Professor Honoris causa, o de São Paulo é Doutor Honoris causa. Contemporaneamente, uma proposta do Conselho Universitário...

N.X. – Academia Brasileira de Ciências...

Q.M. – Espera. Houve a proposta para a Ordem do Cruzeiro do Sul, que me foi dada com uma rapidez incrível. Contemporaneamente fui nomeado na Academia de Ciências, Academia de Farmácia, Academia de Medicina. Porque na Academia de Medicina, 10% são farmacêuticos. E Academia de Medicina Militar. Evidentemente, na Academia de Medicina Militar, pela contribuição que dei durante a guerra.

N.X. – Professor, o senhor dá muita importância a que o cientista não precise de uma retribuição em dinheiro pela contribuição que dê. Por que isso?

Q.M. – Infelizmente, porque eu vinha da Itália, onde os vencimentos eram realmente mínimos. Também aqui. Lembro ainda que os primeiros vencimentos como Professor Catedrático, em 45 – porque a proposta foi feita em 44, mas tinha que tramitar, naquela época, não só pelo Ministério da Educação, mas também pelo Ministério da Justiça, e, portanto, comecei praticamente no início de 45 – os meus vencimentos, como Professor Catedrático, eram de dois contos e seiscentos. Isto correspondendo a Cr\$ 2,60, agora. Efetivamente é muito pouco, e eis por que era obrigado a trabalhar também na indústria. Porque senão, não dava. Isto, infelizmente, é uma coisa mundial. O cientista é sempre mal pago em comparação com os outros. É uma injustiça, claro, porque o ideal seria o cientista poder trabalhar sem preocupação financeira para ir tocando, especialmente quando tem família, filhos e com o que custa hoje em dia o estudo dos filhos.

Não tive filhos, mas tive oito sobrinhos. Três desses sobrinhos se formaram na Universidade às minhas custas. Estão todos trabalhando bem, Por isso parece que cumpri a minha obrigação também neste caso.

O ideal, logicamente, seria uma retribuição digna e, devo dizer que fosse, porém compensada por uma atividade correspondente, o que nem sempre se verifica. Infelizmente isto se observa não só no Brasil como na Itália.

Quando o indivíduo tem sua cátedra, senta e deixa os outros fazerem as coisas, começando a não dar aulas, mandar os assistentes etc. Depois eu vou contar-lhe uma anedota que me contou o Professor Maurício da Rocha e Silva. A minha amizade com ele data de uns 40 anos. Por isso, com todo prazer, cuidei da tradução em italiano do *Tratado de Farmacologia*. Sábado passado, sabendo que eu não podia ir para Ribeirão Preto, ele veio aqui. Entre outras, me contou uma anedota que cabe neste campo, mas que deixo de contar.

N.X. – Ele já foi entrevistado por nós.

Q.M. – É o Farmacologista número 1 e me quer realmente bem. É curioso; naquela época eu colaborava com o Instituto Biológico. Os primeiros trabalhos

experimentais no campo da Quimioterapia, de Maurício, foram feitos comigo e publicados em colaboração comigo.

Voltando ao assunto da injustiça com que são pagos. Eu estava acostumado a viver sempre uma vida modesta; minha senhora é filha de um juiz, e, na Itália, também os juízes eram muito mal pagos. Portanto, éramos acostumados a uma vida simples, doméstica, fomos tocando. Mas é evidente que seria desejável uma retribuição tal que eliminasse qualquer preocupação de ordem financeira. Mas exigindo também uma recompensa não daqueles que, como diz o bom amigo Walter Leser, vivem abaixo do mínimo do metabolismo basal. Este Walter Leser, atual Secretário de Saúde em SP, foi meu colega e, ainda há poucos dias, me encontrei com ele.

Na parte de pesquisa, como disse, eu me preocupei com as doenças tropicais. O número de publicações entre as experimentais e as de divulgação é de algumas centenas. Publicadas em português e também em revistas argentinas, uruguaias e italianas.

Ah! Perdão! Entre os títulos acadêmicos, esqueci um: o da Academia de Farmácia de Paris, à qual pertenço desde 1946 ou 1947.

Fora destas publicações, de preferência sempre no campo dos fármacos quimioterápicos, trabalhei bastante, por exemplo, sobre síntese dos novos medicamentos para a esquistossomose. Não tive sorte, mas a gente experimenta.

A Srta. se lembra que o pai da Quimioterapia foi EHRLICH, e ele dizia que para ter sucesso no campo da Quimioterapia precisava-se de quatro Gs: Geld – dinheiro, Gedul paciência, Geschicktheir – habilidade, e Glück – sorte. Portanto, a gente pode ter as outras três, mas não tem sorte.

Em outros campos, felizmente, tive sucesso. Por exemplo, com um produto meu em colaboração com o Professor Hector Biocca, professor de Parasitologia na Universidade de Roma e que ficou aqui durante os anos de

guerra, quando trabalhamos juntos. O primeiro caso de toxoplasmose humana no Brasil foi curado aqui, com um medicamento sintetizado por mim. Fora de todos estes trabalhos experimentais e livros didáticos, eu publiquei, na Itália, ainda em 1932, um volume de Técnica Farmacêutica. Tinha 30 anos naquela época e recebi – foi logo adotado em cinco Universidades – um prêmio, na Itália, para a melhor obra farmacêutica publicada durante o triênio.

N.X. – Professor, o senhor acha de grande importância as publicações de um cientista?

Q.M. – Claro.

N.X. – Qual a importância disso, para ele e para a comunidade científica?

Q.M. – O outro livro foi publicado pela Melhoramentos, de Química Farmacêutica, porque não existia em português um livro de Química Farmacêutica. Foi redigido nos moldes da visão moderna da Química Farmacêutica, portanto, com critério químico e farmacológico. Isto foi, justamente, o que eu consegui. Infelizmente, agora continuam perguntando quando vou fazer a segunda edição. Mas não vai dar tempo, por enquanto. E eles adotam no Rio, também, o meu livro.

N.X. – De que ano é?

Q.M. – 1967. Infelizmente está velho, porque, no decorrer deste tempo, surgiram vários outros fármacos novos. Por isto eles me dizem para fazer outra edição. Para escrever este livro levei quatro anos e tinha a minha biblioteca pessoal com mais de 2.000 volumes. Depois a facilidade da Biblioteca da Faculdade. Agora, lá, não tenho mais nada.

N.X. – A sua biblioteca ficou aqui?

Q.M. – A minha biblioteca, em parte. Por exemplo, toda a coleção do Chemical Abstracts comprou aqui o Instituto De Angeli. O Beilstein eu levei. Para nós, químicos orgânicos, ele é a Bíblia. Levei para Milão. Mas no fim tive que

vender, porque não cabia, no meu atual escritório já que são oitenta volumes. Parte doei àquele meu discípulo, Paulo Carvalho Ferreira. Tinham sobrado algumas coleções – uma centena de volumes – que estavam ainda agora depositados em um depósito no Instituto De Angeli. Então resolvi, nesta ocasião, nesta visita, doá-los à biblioteca da Faculdade. Ontem recebi um ofício de muitos agradecimentos. Portanto, esta última parte de minha biblioteca, acabei de doar à biblioteca do Conjunto das Químicas da USP. Mostrando pelo menos, ainda hoje, o meu acatamento.

Fui obrigado, por motivos familiares, a voltar para a Itália. Mas os 35 anos de vida profissional foram transcorridos aqui. Outra coisa é o calor humano que a gente encontra aqui. A maneira com que vejo que não esquecem o pouco que fiz aqui especialmente para o desenvolvimento, da Química Farmacêutica, a mim me atrai cada vez mais. Eis por que, quando posso, volto. Ainda outro dia, no Rio, estava marcada uma palestra minha na Faculdade de Farmácias e era dia de greve; mas o anfiteatro estava cheio. Os alunos vieram, igualmente professores e docentes e no fim o diretor disse-me: “nós temos que combinar para, quando quiser, o senhor vir aqui contratado por nós durante uns meses”, especialmente para orientar sobre o que foi uma das minhas atividades, isto é fazer aqui outros fármacos que são importados. Isto me parece que para o progresso da indústria químico-farmacêutica pode ser bem interessante.

N.X. – De grande importância.

Q.M. – Que mais quer saber?

N.X. – O senhor poderia dizer como sentia a atividade científica e acadêmica em seu período inicial na Itália, comparando com o Brasil e talvez comparando com o que o senhor sente, hoje, lá na Itália, novamente?

Q.M. – Quando comecei minha carreira na Itália, desconhecia completamente o que existia aqui no Brasil. Devo dizer francamente que as condições, o nível universitário que encontrei aqui era um pouco rudimentar. Especialmente nas Faculdades de Farmácia.

Por que, não sei. Porém em São Paulo havia um movimento, de renovação, após a estruturação da USP feita por Armando de Salles Oliveira. Encontrei aqui colegas vindos da Alemanha, como o excelente Prof. Rheinboldt, que criou a verdadeira escola de Química pura e foi o mestre do Matias, do Senise etc. Quando cheguei o Matias e Senise estavam fazendo o primeiro ano de Química aqui. Eu fiquei considerado como um dos primeiros no campo da Química Farmacêutica no Brasil.

Evidentemente na Itália têm-se feito bastante coisas, mas devo confessar que, atualmente, as coisas pioraram. Com estas contínuas greves, com este espírito de contestação que existe nos jovens, como também o desleixo, por parte dos professores. Vários daqueles que nós chamamos professores viajantes vão para outras faculdades, dão aulas e vão embora, visando principalmente a remuneração, ao contrário do que foi a minha mentalidade. Por outro lado, vejo que aqui as coisas têm melhorado bastante. Vejo pessoas que, no campo da Química, principalmente na USP e no Rio, são excelentes. Se realmente eu for comparar o nível em que encontrei as Universidades brasileiras quando cheguei, com o nível atual, vejo um abismo. O grupo do Instituto de Química (Senise, Matias, Giesbrecht, Blahs etc.) faz pesquisas de nível superior.

[FINAL DA FITA 1-A]

É importante dizer que, no Rio, também há elementos muito bons. Um deles é o Walter Mors, de quem eu fui um dos examinadores quando prestou concurso. Havia três convidados e eu tinha posto em primeiro lugar o Walter Mors, mas a Faculdade nomeou outro. Depois outros, como o Gottlieb e uma porção de gente que realmente trabalha. Este é o motivo pela qual tenho trazido, eu mesmo, algumas publicações para o italiano e publicado na Itália.

N.X. – O senhor acha que a condição política de um determinado país contribui, ou não, para o desenvolvimento da Ciência? No caso da Itália, do fascismo, quando o senhor iniciou, e da liberdade posterior. O senhor acha que isso influencia de alguma forma?

Q.M. – Sobre o regime ditatorial, digo-lhe francamente que sempre fui contra as ditaduras, mas contra as ditaduras de qualquer campo. Sincera e profundamente democrata, mesmo reconhecendo que, às vezes, como está acontecendo na Itália, um excesso de democracia pode ser prejudicial. Infelizmente é assim.

O regime ditatorial é profundamente prejudicial. Porque obriga a gente contrária a ir embora. Aliás, quando fui recebido na Academia de Medicina, o meu padrinho começou dizendo que a Academia devia ser grata a Mussolini, porque, com o regime fascista, me obrigou a sair de lá e vir morar aqui.

No regime democrático, naturalmente as coisas são melhores. Porém, há um excesso de liberdade, quer por parte dos estudantes, quer por parte dos professores, que prejudica o andamento normal e desejável do ensino e da pesquisa.

N.X. – Essas condições nós encontraríamos na Itália até 60 ou até 70? Porque, a partir de um determinado momento, que está próximo de nós, é que se modificaram as condições das pessoas.

Q.M. – Exato. Posso dizer que mais ou menos. Não, até 60 as coisas iam, mesmo até 65. Depois começaram a se modificar. Mas a modificar para pior, chegando depois àqueles absurdos que hoje existem na Itália.

No meu tempo as sessões de exames eram só duas por ano. Agora, a qualquer momento, o indivíduo vai ao professor e diz que no dia seguinte quer prestar exame; mas conforme o livro adotado diz: de página tal a página tal. E o professor tem que aceitar.

Uma sobrinha, dos três que se formaram à minha custa, é professora de inglês há 17 ou 18 anos, especializou-se em Londres e é excelente realmente. Ela me dizia que são obrigados a aprovar todos. Senão são encrencas por parte do Ministério. O sistema atual italiano de universidade livre eu não aprovo em nada. Só a Universidade de Roma tem 120.000 inscritos. Eles se inscrevem, não prestam exames e ficam lá.



O vestibular que nós temos aqui, e em muitas outras partes, é, indiscutivelmente, o melhor. Porque seleciona. Aí dizem que é um absurdo, é contra o povo. Não senhor, porque o filho do operário que trabalha e presta seu vestibular tem a vantagem de poder formar-se sem gastar um tostão. Enquanto que na Itália está tudo livre, porém as taxas são pesadas sempre foram. Lembro-me que, quando devia prestar concurso de Livre-Docência, as despesas eram tais que, durante as férias de dois anos, fui ocupar-me como substituto de diretor de Farmácia. Sacrifiquei minhas férias justamente indo fazer o Farmacêutico, porque só o que ganhei por fora, assim, deu para custear as despesas do concurso de Livre-Docência. Isto naquela minha idade.

N.X. – O senhor ainda dá aulas em Milão?

Q.M. – Não, porque aos 70 anos é compulsório; porém me convidam de vez em quando – uma ou outra Universidade – para dar aulas de atualização. Por exemplo, fui a Catania e Trieste, para conferências e aulas de atualização. Mas ensino, não. Porque aos 70 anos não se pode mais.

N.X. – E pesquisas, o senhor ainda desenvolve alguma? O senhor está em atividade de pesquisa?

Q.M. – Atividade, essencialmente, não. Não diria jornalística porque não vale a pena. Sou editor de uma parte da melhor e maior revista farmacêutica italiana, que se chama *Il Fármaco*. Divide-se em duas partes, a científica e a prática. Sou editor de uma dessas partes. Depois, tem a Sociedade Italiana de Ciências Farmacêuticas, que publica outra revista: *Cronica Farmacêutica*, da qual sou redator. A rubrica de Química Farmacêutica fica a meu encargo. Em todos os números tem sempre o meu artigo sobre novidades em um ou outro campo. Acho que é só isso.

N.X. – Professor, o senhor disse que em *Il Farmaco* o senhor cuida de um dos setores, seria o científico ou o prático?

Q.M. – O prático. É uma distinção, porém, relativa.

N.X. – Só mais dois pontos. Um, o nome do seu mestre na Itália.

Q.M. – Bernardo Oddo, falecido em 1941. Aliás, aqui, foi comemorado por mim no Instituto de Química.

N.X. – O senhor falou sobre a modernização do ensino da Química Farmacêutica. Como sentiu o senhor essa modernização desde o início de sua carreira até hoje?

Q.M. – A mentalidade antiga era a seguinte: devo dizer que várias vezes a cátedra de Química Farmacêutica era ocupada por químicos puros, que utilizavam como trampolim a Química Farmacêutica, para depois passar à Química Geral. Neste caso, neste campo – e isto se verificou por muitos anos, – a Química Farmacêutica era encarada unicamente sob o ponto de vista químico. Enquanto que eu tive sempre – usando um termo vulgar – uma cachaça para a Farmacologia. Logo vi que não era possível dissociar a parte química da parte farmacológica.

Isto foi o que depois todo mundo acabou fazendo, isto é, não mais encarar a Química Farmacêutica sob o ponto de vista de síntese ou de prioridade físico-química. Mas ver a atividade, estudar a farmacodinâmica deste produto. Afinal, este foi o conceito inicial da Quimioterapia. Estudar as relações estrutura-atividade e daí preparar os compostos para ver quais as modificações e como se poderia melhorar, por exemplo, as qualidades de um fármaco já conhecido. Eu, nos primeiros tempos, fui criticado pelos químicos, porque diziam que nós não éramos médicos, mas sempre afirmava a necessidade de se associar a parte química com a parte farmacológica. É o que se está verificando. E todos os tratados são feitos agora neste sentido diferentes dos anteriores. Está certo?

N.X. – Está ótimo. Não sei se o senhor teria mais alguma coisa a acrescentar.

Q.M. – Acho que não.

N.X. – Então eu só quero agradecer a sua contribuição.

Q.M. – De nada. Eu pensei, por quê? Acho que D. Nadja deve ter batido em uma porta errada, porque está certo consultar personalidades. Mas, a mim, por quê?

N.X. – O senhor acha que seus 35 anos de contribuição à Química Farmacêutica no Brasil não valem tanto?

Q.M. – Devo dizer uma coisa, para terminar. Sabe que existe em Roma um excelente Instituto ítalo-latino-americano? Muito bom. Foi feito um simpósio ítalo-latino-americano sobre doenças parasitárias e eu fui também convidado. Aliás, do Brasil vieram dois: um professor de doenças tropicais, que foi até Diretor da Faculdade de Medicina.

N.X. – Aqui em São Paulo.

Q.M. – Sim, em São Paulo.

N.X. – Vieira de Carvalho?

Q.M. – Não, João Alves Meira. Depois um outro Aluísio Prata de Brasília. O primeiro falou sobre moléstia de Chagas e o outro sobre esquistossomose. Eu também fiz a minha comunicação, lembrando a contribuição que tinham dado vários cientistas italianos aqui no Brasil. Foi engraçado, porque no fim, pediu a palavra o Prof. Meira de São Paulo e disse: “... mas ele esqueceu de um nome”.

Era o meu. Na manhã seguinte me apareceu uma senhorita, pediu licença e disse que queria que eu lhe emprestasse a gravação da minha comunicação. No Ministério da Educação existe uma biblioteca, isto é, onde guardam as fitas gravadas e reproduzidas de pessoas ilustres. Eu disse: “O que tenho a ver com isso? A sua voz tem que ficar registrada e guardada aqui”. Está lá, no Ministério da Educação, em Roma.

N.X. – O nosso método é exatamente esse. Esses depoimentos vão ser gravados em fitas, que serão guardadas em um arquivo para a posteridade. Isso é desenvolvido também no Rio, em forma de política, no CPDOC, com os políticos ilustres brasileiros de maiores contribuições. Esse é um método que é utilizado nos Estados Unidos, na França e em quase toda a Europa. Esse método se chama história oral, é um novo método.

[FINAL DA ENTREVISTA]